

## ENFRENTAMENTO DO AUTISMO EM UMA CIDADE DE PEQUENO PORTE DO ALTO SERTÃO PARAIBANO

Gláucia Nelly Egídio Andrade Barbosa<sup>1</sup>

Marcelania Emilia Amorim Viana<sup>2</sup>

Maria Daiane Ferreira Duarte<sup>3</sup>

Renata Livia Silva Fonseca Moreira de Medeiros<sup>4</sup>

Geane Silva Oliveira<sup>5</sup>

Anne Caroline de Souza<sup>6</sup>

**RESUMO:** **Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental que impõe desafios significativos para o diagnóstico e tratamento, especialmente em regiões com recursos limitados, como as pequenas cidades do Alto Sertão paraibano. A escassez de serviços especializados e o difícil acesso à informação tornam o manejo do TEA ainda mais complexo, impactando diretamente a qualidade de vida das crianças diagnosticadas e de suas famílias. **Objetivo:** Relatar a experiência vivenciada no enfrentamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma cidade de pequeno porte do Alto Sertão paraibano. **Metodologia:** O estudo adotou a abordagem de relato de experiência, narrando uma vivência no Centro de Especialidades em Saúde (CES), em Bernardino Batista/PB. A coleta de dados envolveu visitas à instituição, observações diretas dos atendimentos, conversas com a equipe multiprofissional e análise de registros sobre o desenvolvimento da criança acompanhada. Também foram considerados os recursos de inclusão oferecidos pelo município, como o NAP/EI e o AEE, além de orientações presenciais e remotas. **Relato de experiência:** O CES presta atendimento especializado a crianças e adolescentes com transtornos como TEA, TDAH, TOD e deficiência intelectual, com foco no desenvolvimento integral e participação da família. O relato destaca o caso de uma criança com TEA e deficiência intelectual, moradora da zona rural, acompanhada semanalmente pela equipe multiprofissional. O acompanhamento inclui terapias lúdicas, sessões de AEE e orientação aos cuidadores. O município de Sousa também contribui com serviços complementares como o NAP/EI e o futuro CAEE, demonstrando esforços para promover a inclusão escolar e social dessas crianças. **Conclusão:** A experiência reforça a importância de uma atuação integrada entre profissionais da saúde, educação e a família para o progresso de crianças com TEA. A participação do estudante de Enfermagem mostrou-se significativa no apoio terapêutico e educativo, promovendo vínculos afetivos e ajudando a organizar rotinas adaptadas. O investimento do município em políticas de inclusão evidencia o compromisso com uma sociedade mais acessível e acolhedora para pessoas com necessidades especiais.

3172

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Enfrentamento familiar. Papel do enfermeiro.

<sup>1</sup>Estudante de Enfermagem pelo Centro Universitário Santa Maria.

<sup>2</sup>Estudante de Enfermagem pelo Centro Universitário Santa Maria.

<sup>3</sup>Estudante de Enfermagem pelo Centro Universitário Santa Maria.

<sup>4</sup>Doutora, Centro Universitário Santa Maria.

<sup>5</sup>Mestre em Enfermagem pela UFPB. Docente do Centro Universitário Santa Maria.

<sup>6</sup>Docente, Enfermeira Especialista pelo Centro Universitário Santa Maria.

## I INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido foco de crescente discussão na saúde e educação, envolvendo familiares e profissionais que acompanham o desenvolvimento das pessoas com o transtorno. O TEA, caracterizado por comprometimentos na comunicação, interação social e comportamentos restritivos, é um transtorno complexo do desenvolvimento que abrange sintomas emocionais, sensoriais e motores (Stella, 2018).

Desde a primeira utilização do termo “autismo” por Eugene Bleuler, em 1911, para descrever pacientes com esquizofrenia que mostravam uma percepção diferenciada da realidade, a compreensão sobre o TEA evoluiu significativamente (Ajuriaguerra, 1977). Sabe-se hoje que crianças autistas apresentam maiores alterações cromossômicas, elevando as chances de desenvolverem outros transtornos.

Estudos indicam que cerca de 98% dos casos de TEA têm origem genética, e 2% estão relacionados a fatores epigenéticos, como influências ambientais durante a gestação. Em famílias com histórico de autismo, a probabilidade de recorrência pode variar entre 10% e 30%. Fatores como uso de certas medicações, infecções gestacionais e idade avançada dos pais são considerados potenciais causas para o desenvolvimento do TEA (Gaiato, 2018).

A Organização das Nações Unidas estima que mais de 70 milhões de pessoas no mundo possuem TEA (UNESCO, 2024). No Brasil, a Organização Mundial da Saúde aponta a existência de aproximadamente 2 milhões de pessoas com o transtorno, número ainda impreciso devido a desafios nos diagnósticos. As políticas públicas brasileiras têm avançado para apoiar essa população, principalmente através do Sistema Único de Saúde (SUS), que oferece acompanhamento especializado e inclusão social a pessoas com TEA, conforme estabelecido pela Lei 12.764/2012.

Na Paraíba, dados do IBGE apontam cerca de 4.900 casos de TEA, e em cidades como Bernardino Batista, estimativas locais indicam 9 crianças com diagnóstico confirmado, e 3 em investigação.

Estudos questionam se o aumento dos casos de TEA se deve a uma maior incidência ou ao aprimoramento nos métodos diagnósticos. A identificação precoce é fundamental para melhorar a independência e a qualidade de vida das pessoas com TEA. O diagnóstico é clínico e envolve observação comportamental, entrevistas familiares e avaliações médicas.

Profissionais da saúde utilizam escalas como a M-CHAT para rastreamento precoce e a CARS para avaliar o nível do transtorno (CENSO, 2022).

A Enfermagem desempenhou um papel essencial no suporte inicial e no acompanhamento das famílias de pessoas com TEA, atuando como facilitadora no processo de aceitação e adaptação ao diagnóstico. As consultas de enfermagem possibilitaram o contato inicial com as famílias, permitindo oferecer apoio emocional e realizar encaminhamentos para outros especialistas. Apesar disso, segundo a Comissão Nacional de Enfermagem em Saúde Mental (CONAESM/COFEN), o conhecimento sobre o TEA entre os profissionais de enfermagem ainda se mostrou insuficiente, demandando capacitação e padronização no atendimento a essa população.

Dessa forma, a realização deste estudo permitiu identificar e descrever boas práticas no manejo multidisciplinar de crianças com TEA, destacar os desafios enfrentados pelas equipes e famílias, e propor melhorias para o modelo de atendimento. Alinhado ao objetivo de relatar a experiência vivenciada no enfrentamento do TEA em uma cidade de pequeno porte do Alto Sertão paraibano, o estudo buscou evidenciar as estratégias utilizadas pelos serviços especializados e o papel do enfermeiro como facilitador no acesso a uma assistência inclusiva e humanizada. A experiência relatada contribuiu para ampliar o entendimento sobre os processos de inclusão e desenvolvimento integral dessas crianças, além de oferecer subsídios para outros estudos similares.

3174

## 2 METODOLOGIA

Relato de experiência foi uma narração de uma vivência profissional ou acadêmica, uma produção de conhecimentos sobre algo vivido e que deixou aprendizados, contada sob o ponto de vista de quem a experienciou. O estudo foi desenvolvido na modalidade de relato de experiência, uma abordagem que permitiu narrar vivências profissionais e acadêmicas relacionadas ao acompanhamento de crianças com necessidades especiais. O método de estudo foi realizado com um profissional do CES (Centro de Especialidades em Saúde), localizado no município de Bernardino Batista, no alto sertão paraibano, a 489 km da capital João Pessoa, com altitude de 805 metros e população de 3.504 habitantes, conforme o Censo de 2022 do IBGE.

O CES constituiu o cenário da experiência, sendo um centro que oferecia atendimento especializado em diversas áreas, como pediatria, psiquiatria infantil, psicologia infantojuvenil, psicopedagogia clínica e fonoaudiologia. Os profissionais da equipe multidisciplinar atuavam

em aspectos emocionais, comportamentais, habilidades sociais, sexualidade, interação familiar, rotina, desenvolvimento acadêmico e linguagem, utilizando abordagens lúdicas e técnicas especializadas para atender crianças e adolescentes. O serviço também realizava encaminhamentos e direcionamentos para outras referências regionais, como o CAPS Infantil de Cajazeiras e o CER-IV de Sousa, conforme a necessidade de cada caso.

Como procedimento de coleta de dados, foi realizada uma visita à instituição e uma conversa com a psicóloga, que também era coordenadora do NAP/EI (Núcleo de Atenção Psicossocial e Educação Inclusiva). Planejou-se acompanhar semanalmente as intervenções realizadas com a criança no CES, incluindo observações diretas dos atendimentos e reuniões com os familiares e com a equipe multidisciplinar. Também foram analisados registros sobre o progresso da criança, a dinâmica familiar e a integração das ações de saúde com a educação. Foi realizada uma análise detalhada do contexto local, incluindo as iniciativas do município na promoção da inclusão por meio do NAP/EI e das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas escolas. Orientações remotas e presenciais também foram consideradas, utilizando ferramentas como o WhatsApp.

Após a coleta das informações, os dados foram analisados de forma descritiva e reflexiva, buscando compreender as experiências vivenciadas no contexto do atendimento especializado oferecido pelo CES. A análise também incluiu uma comparação com outras experiências ou estudos em contextos semelhantes, a fim de identificar padrões e singularidades. Por fim, foi elaborada uma síntese que articulou os achados com as reflexões, destacando as contribuições práticas e os aprendizados gerados pela experiência.

3175

### 3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O Centro de Especialidades em Saúde (CES) oferece serviços especializados para crianças e adolescentes com diversos transtornos do desenvolvimento, como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno Desafiador de Oposição (TOD), deficiência intelectual, ansiedade, depressão infantil, epilepsia e Transtorno do Espectro Autista (TEA). O centro atende atualmente 72 pacientes, dos quais 9 têm diagnóstico confirmado e 3 estão em fase de investigação. O atendimento é realizado por uma equipe multidisciplinar composta por psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e outros especialistas, que trabalham de forma integrada, visando o desenvolvimento integral da criança ou adolescente e a

participação ativa da família, reconhecendo que transtornos como os mencionados demandam o envolvimento de todos os membros familiares para garantir um progresso eficaz do paciente.

Um exemplo importante é o caso de um usuário de 5 anos, que está em acompanhamento semanal no CES. O diagnóstico de deficiência intelectual e Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi confirmado após investigação no CER-IV. Esse quadro inclui comprometimento significativo da linguagem, tanto expressiva quanto receptiva, dificuldades de comunicação social, falhas na atenção compartilhada e na imitação motora, além de comportamento de brincar disfuncional e outros sinais típicos do TEA, como estereotípias, como bater palmas, e hipersensibilidade tátil e auditiva.

Esse usuário vive com seus pais e avós paternos em uma área rural. Sua mãe, de 24 anos, com ensino médio completo, é dona de casa, e seu pai, de 31 anos, trabalha na agricultura e tem o ensino fundamental incompleto. A mãe observou desde cedo sinais de alterações no desenvolvimento do filho, como a regressão na fala e a falta de resposta a estímulos, o que motivou a busca por avaliação médica, resultando no diagnóstico de deficiência intelectual com características autistas.

Atualmente, o comportamento do usuário é agitado e agressivo, principalmente quando suas vontades não são atendidas. A convivência familiar é marcada pela alternância entre demonstrações de afeto e atitudes agressivas, o que impõe desafios constantes. Na escola, sua agitação e impulsividade, além de dificuldades de contato visual e em seguir comandos, são notáveis. Porém, o usuário se interessa por atividades como brincar com carrinhos, blocos de encaixe e massinha de modelar, e também interage com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em algumas situações.

O acompanhamento realizado no CES, com sessões semanais de 30 minutos, tem sido crucial para seu desenvolvimento. As sessões de AEE, com duração de uma hora, buscam estimular maior engajamento nas atividades propostas. A equipe do CES utiliza técnicas adaptadas, como o uso de materiais lúdicos e atividades pedagógicas ajustadas às necessidades do usuário. Além disso, a orientação contínua à família visa melhorar a qualidade de vida e promover uma adaptação eficaz ao ambiente escolar e familiar.

O município de Bernardino Batista tem se destacado no apoio a crianças com transtornos como o TEA, oferecendo recursos como o NAP/EI, que envolve psicólogos, assistentes sociais e psicopedagogos, e as salas de AEE nas escolas. A recente autorização para construção de um Centro de Atendimento Especializado Educacional (CAEE) promete aprimorar ainda mais o

atendimento a esse público. Apesar das dificuldades do Estado e do governo federal em atender toda a demanda, o município se esforça para garantir a inclusão social dessas crianças, proporcionando-lhes melhores oportunidades de inserção na sociedade.

O plano de desenvolvimento para o usuário inclui metas claras para seu aprendizado e desenvolvimento pessoal, com foco na estimulação da autonomia, linguagem, coordenação motora e cognição. As atividades propostas envolvem o reconhecimento e a escrita das vogais, identificação de cores e formas geométricas, além de jogos pedagógicos que estimulam o raciocínio lógico e a interação social. A integração das atividades escolares com o acompanhamento familiar é essencial para o sucesso do processo, permitindo uma adaptação mais eficaz tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Esse caso ilustra os desafios enfrentados por crianças com TEA e outros transtornos do neurodesenvolvimento, mas também destaca o impacto positivo da abordagem multidisciplinar e do engajamento familiar no processo de inclusão e aprendizado. A colaboração entre os profissionais da saúde, educação e a família tem sido crucial para promover o desenvolvimento e a adaptação social dessas crianças, fornecendo-lhes as melhores condições para alcançar seu potencial máximo na sociedade.

Enquanto estudante de Enfermagem atuando no CES, pude contribuir de forma simples, 3177  
porém significativa, para o cuidado desse usuário com TEA e deficiência intelectual. Uma das ações foi auxiliar no processo de acolhimento da criança e de sua família, por meio de escuta ativa e orientação básica sobre rotinas de cuidado, promovendo um ambiente de confiança e segurança. Também participei do estímulo à comunicação e interação durante as sessões, utilizando brinquedos pedagógicos e materiais visuais que favoreciam a atenção compartilhada e a interação social, respeitando os limites sensoriais do usuário.

Além disso, apoiei as ações de educação em saúde direcionadas aos cuidadores, esclarecendo dúvidas sobre o transtorno e incentivando práticas que fortalecessem o vínculo afetivo e a autonomia da criança no ambiente doméstico. Atividades como ajudar a mãe a organizar uma rotina adaptada e simples para o usuário, com uso de figuras e horários visuais, permitiram maior previsibilidade das tarefas diárias, contribuindo para a redução de comportamentos agressivos e facilitando a convivência familiar. Essas experiências reforçaram a importância do papel do estudante de enfermagem como agente de apoio, educação e humanização no cuidado de crianças com necessidades especiais.

## CONCLUSÃO

Em síntese, o acompanhamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras condições do neurodesenvolvimento, como ilustrado no caso deste usuário, destaca a importância de uma abordagem integrada com atuação conjunta da equipe multiprofissional e da família. Essa colaboração é fundamental para favorecer o desenvolvimento da criança, sua adaptação ao meio escolar e familiar, além de melhorar sua qualidade de vida.

Enquanto estudante de Enfermagem, pude contribuir com ações simples, como o apoio nas atividades terapêuticas e o estímulo à interação social por meio de brincadeiras lúdicas adaptadas. Também participei de momentos de orientação com a família, reforçando a importância da rotina e do cuidado contínuo no ambiente domiciliar.

O município de Bernardino Batista, ao investir em iniciativas como o NAP/EI e o CAEE, reafirma seu compromisso com a inclusão social. O caso reforça a necessidade de estratégias personalizadas, sustentadas por uma rede de apoio bem estruturada, para que essas crianças possam alcançar seu pleno potencial e viver de forma mais autônoma e integrada na sociedade.

## REFERÊNCIAS

3178

SELLA, Ana Cardina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. Análise do comportamento aplicado ao transtorno do espectro autismo. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.

AJURIAGUERRA, J. As Psicoses Infantis. I: Manual de Psiquiatria Infantil. 4. ed. Barcelona: Toroy-Massau. 1977.

GAIATO, Mayra-SOS autismo: guia completo para entender o transtorno do Espectro do Autismo- São Paulo: nversos, 2 ed. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Biblioteca Virtual em Saúde-2024.

CBN PARAÍBA, <https://cbn.paraiba.com.br> CBN Campina. Edu.br//noticia/dia-mundial-de-conscientizacao-do-autismo-entenda-a-condicao.

CENSO UNESCO, uma pergunta que abre portas: questão sobre autismo no censo 2022 possibilita avanços para a comunidade TEA.

COFEN, Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autismo, 2021.

NOTA TÉCNICA, N 14/2024-CGSPD/DAET/SAES/MS

EDUCA.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=s2178-26792021000500060.